



Menos funcionários, mais lucro

O descaso dos bancos com os trabalhadores e a sociedade é cada vez maior. No acumulado de 12 meses, de novembro de 2022 a outubro de 2023, as empresas fecharam 5.712 postos de trabalho. Ao analisar apenas este ano, janeiro a outubro, foram demitidos 5,3 mil bancários. Os cortes não se justificam, uma vez que crise passa longe do setor e o lucro só sobe. Os bancos colocaram nos cofres R\$ 70,9 bilhões em apenas nove meses de 2023. Dinheiro a perder de vista.

Análise feita pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), com base em dados do Novo Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), mostra que só em outubro a maioria (56,3%) das demissões foi sem justa causa. Outras 36,3% foram a pedido do trabalhador e 3,8%, desligados por justa causa.

Sobre remuneração média, o



salário do bancário admitido chegou ao valor de R\$ 5.564,98, enquanto o do demitido foi de R\$ 7.583,32, o que significa que a renda do contratado correspondeu a 73,38% do desligado.

Na prática, além de reduzir postos de trabalho, os bancos fecham agências, sobrecarregam e adoecem os que permanecem empregados, por conta da pressão por resultados, ao mesmo tempo, deixam a população sem atendimento humanizado nas unidades.

A CGPAR42 precisa ser revogada

A saúde da categoria bancária tem de ser tratada como prioridade. Este é o foco da negociação sobre a revogação da resolução 42 da CGPAR (Comissão Interministerial de Governança e de Administração da União). O próximo encontro será no dia 20 de dezembro. O prazo total para a finalização das negociações é de 90 dias.

Editada pelo governo Bolsonaro, a CGPAR 42 limita em 50% o custeio das empresas públicas

(Caixa, BNDES, Petrobras e outras estatais), trava a negociação dos acordos coletivos com a representação dos trabalhadores e afeta até mesmo a carreira profissional dos funcionários.

Na primeira reunião, semana passada, a comissão, que inclui representantes dos empregados, das estatais e do governo, se comprometeu em analisar e elaborar um novo normativo, baseado nas premissas dos trabalhadores.

Cargas muito desiguais entre homens e mulheres

O mercado de trabalho é cruel e as mulheres sabem bem disto. Entre os 10,8 milhões de brasileiros que estavam sem ocupação no ano passado, 63,4% eram do sexo feminino. Além disso, elas são muito mais sobrecarregadas.

Das mulheres sem trabalho em 2022, mais de 2,5 milhões não tinham tempo para procurar emprego, por conta dos afazeres domésticos e dos cuidados a parentes, aponta o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A pesquisa mostra que entre as mulheres que buscaram emprego, 553 mil encontraram obstáculos relacionados às responsabilidades de casa, enquanto apenas 80 mil homens deixaram o trabalho por razões semelhantes, o que representa menos de 4% do total de pessoas do sexo feminino na mesma situação.

As pequenas empresas geram mais empregos

Os empreendedores de pequeno porte têm sustentado o país ao colaborar com a inclusão social e distribuição de renda. Das 1,78 milhão de contratações formais neste ano, 1,26 milhão foram feitas pelas micro e pequenas empresas. O número corresponde a 71% das vagas abertas. Somente em outubro, o segmento criou 124,1 mil postos, do total de pouco mais de 190 mil empregos, aponta o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A Caixa segue forte no crédito imobiliário

A Caixa continua a exercer papel fundamental como locomotiva do desenvolvimento. O banco público atingiu recorde histórico no saldo do crédito imobiliário, de R\$ 709,9 bilhões, alta de 14,6% em 12 meses. Enquanto outras instituições, menos de 2%. Na prática, segundo estudo da Abecip (Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança), a Caixa ajudou a reduzir o problema habitacional, já que o crédito foi usado para a produção de 257,4 mil casas, principalmente do Minha Casa, Minha Vida.

Um dia de decisão

O COPOM (Comitê de Política Monetária) define hoje se baixa ou não a Selic, em absurdos 12,25% ao ano. Nos bastidores, a notícia é de que vem aí mais um corte tímido, de apenas 0,5 ponto percentual. Se for realmente confirmada, a taxa básica de juros vai encerrar 2023 em 11,75% ao ano. Ainda muito alta para fazer a roda da economia girar efetivamente, com geração plena de empregos, retomada do crescimento, redução dos juros bancários e melhora na renda. Na real, a população brasileira sente muito pouco os cortes feitos pelo Banco Central até o momento.